

Por que ler Abdelmalek Sayad?

Gislene Santos 

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
gislenesantos@igeo.ufrj.br

Rafaela Dettogni Duarte Paes 

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Angra dos Reis, Rio de Janeiro, Brasil
rafaeladettogni@hotmail.com

RESUMO

O presente texto desenvolve uma reflexão sobre o pensamento do sociólogo Abdelmalek Sayad, com destaque para a relação entre a migração, o pensamento de Estado e o trabalho. Evidenciamos a interdependência entre estas categorias e também o registro das etapas da emigração, quais sejam: a provisoriedade e o retorno. Apreciamos, ao longo do texto, a importância de sua obra para a análise das migrações no mundo contemporâneo, sobretudo quando atentamos às perspectivas política e metodológica desta produção.

PALAVRAS-CHAVE: Abdelmalek Sayad; migração; Estado.

INTRODUÇÃO

Todo itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico.

Abdelmalek Sayad

Em 1994, Abdelmalek Sayad esteve no Brasil e, na ocasião, em missão acadêmica organizada por docentes do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), visitou a cidade do Rio de Janeiro.

Naquela década, o Brasil alcançava a marca de 146.917.459 habitantes, e o estado do Rio de Janeiro era a segunda unidade da federação em número de habitantes, com uma população estimada de 12.783.761 (atrás apenas do estado de São Paulo), registrando um índice de urbanização de 95% – um dos mais altos do país! (o ponto de exclamação é usado para enfatizar esta sua singularidade no território nacional). Cerca de 5,4 milhões de pessoas (43% da população) residiam na capital fluminense¹, número que retratava um crescimento marcado por um curso migratório provindo do interior do próprio estado e da Região Nordeste (PAES, 2020). O Rio de Janeiro também era receptor de grupos não nacionais, com destaques para os migrantes portugueses, que representavam o maior contingente de estrangeiros na cidade, e os refugiados políticos – com predomínio dos oriundos de Angola, como descrito e analisado por Petrus (2000).

Na cidade do Rio de Janeiro, Sayad, sociólogo argelino radicado na França, um dos mais qualificados investigadores sobre migrações argelinas no país europeu, amigo e parceiro intelectual de Pierre Bourdieu, com quem escreveu *Le déracinement la crise de l'agriculture traditionnelle em Algérie* (1964) em colaboração, concedeu uma longa entrevista a colegas do Museu Nacional – publicada em 1996, na recém-criada revista *Mana*, do PPGAS/MN/UFRJ –, da qual destacamos algumas passagens.

Para começar, consideramos o trecho a seguir como aquele que cristaliza a morfologia da paisagem descrita por Sayad, quando da guerra entre França e Argélia. Esse contexto político, segundo o entrevistado, acarretou transformações profundas no espaço e na organização social da população argelina:

[...] porque junto com a guerra acontecia uma série de processos sociais muito dramáticos. Em poucos anos, quatro ou cinco milhões de pessoas foram

¹ Para os dados populacionais, consultamos o Censo Demográfico de 1991, do IBGE. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/acervo#/S/CD/A/52/T/Q>. Acesso em: 05 fev. 2024.

deslocadas de seus lugares de origem nas áreas rurais, milhares de famílias que já eram pobres perderam suas terras e seus animais e começaram a passar fome e sofrer doenças. O exército tinha intensificado regiões inteiras do país, deslocando a população nativa (Sayad; Neiburg, 1996, p. 160).

Nessa passagem, Sayad menciona os elementos presentes no decorrer de sua obra: a relação histórica entre a Argélia e a França; os efeitos da guerra de independência; a situação colonial; o desenraizamento da população rural; a relação entre a teoria social e o sofrimento dos migrantes; as situações densas da pesquisa realizada junto aos migrantes nos campos de prisioneiros na Argélia; o aparelho de Estado manifesto na violência do exército francês; e, como corolário deste processo político dramático, o deslocamento forçado.

Eis uma segunda passagem, que consideramos fundamental para entender sua perspectiva teórica:

Ao trabalhar sobre a imigração, mostrando o processo de construção do arbitrário que se produz na própria construção social do imigrante, eu estava trabalhando sobre a *gênese social do Estado*, mostrando, ao mesmo tempo, os mecanismos de produção do arbitrário e a fragilidade em que se baseiam todos os atos de naturalização que o constituem [...] (Sayad; Neiburg, 1996, p. 167, grifo nosso).

Em relação à gênese do Estado, tendemos a reconhecer que Sayad foi o primeiro a colocar a migração como pressuposto e como condição necessária à origem do poder central do Estado. Segundo Spire (1999), os verbetes “imigração” e “imigrado” aparecem nos dicionários correlacionados ao surgimento do Estado-nação ocidental. Nessa direção, sobre o surgimento do termo migração, o geógrafo Pedro Geiger (2002) sugere que este foi criado:

[...] após o estabelecimento dos Estados-nações para descrever o cruzamento, por estrangeiros, de suas fronteiras, que passaram a ser definidas por linhas contínuas e precisas [...]. Posteriormente, passou a ser aplicado para a travessia de qualquer linha territorial político-administrativa (Geiger, 2002, p. 212).

A partir deste glossário, como argumentou Sayad, ao longo de toda a sua obra, pensar a migração é pensar o Estado. Iniciamos este artigo com estas ponderações, para destacar e para referenciar a força teórica do seu pensamento, cujo domínio de análise extrapola o século XX e entra como urgência em nossos tempos. Não se trata de uma justificativa didática para o uso do seu referencial teórico, mas de buscar apoio em uma das definições do teórico para o que vem a ser uma obra clássica, conforme Ítalo Calvino: “[...] um clássico é um livro que nunca termina de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 1993, p. 11).

Abdelmalek Sayad faleceu em 1998, quatro anos depois daquela visita ao Rio de Janeiro, em que fez as declarações aqui mencionadas, mas suas análises seguem fundamentando os estudos contemporâneos e mobilizando

aqueles(as) que buscam entender e compreender os processos migratórios. Ler Sayad é, de certa forma, um treino para objetivar os “corpos estatizados” dos migrantes e para nos desfazermos das “fábulas da globalização” (usando uma expressão do geógrafo Milton Santos (2001), que prometiam uma cidadania universal. O uso da sua semântica analítica, como nos termos guerra, deslocamento forçado, desenraizamento, sofrimento, Estado, nação, entre outros, sinaliza o quanto mais a migração está associada a questões políticas e, menos, a mobilidades sociais.

Para exemplificar a necessária urgência do pensamento de Sayad na contemporaneidade, elencamos alguns tristes eventos ocorridos no século XXI com os migrantes, e prosseguimos caminhando ao seu lado nesse esforço de análise situado entre a migração e o Estado.

A MIGRAÇÃO E O ESTADO

Em 2020, na América Latina e no Caribe, somente entre os dias 14 e 30 de março – momentos iniciais da decretação da pandemia da Covid-19, pela Organização Mundial de Saúde (OMS) –, vinte fronteiras internacionais foram fechadas, impedindo o movimento e o deslocamento de migrantes entre diversos países.

No Brasil, no curto intervalo de tempo entre março e agosto, foram editadas dezoito portarias ministeriais, referentes a medidas sanitárias de restrição à entrada e saída de pessoas pelas fronteiras internacionais, conforme dados levantados por Leão e Fernandes (2020). A Portaria Interministerial n.º 120/2020, publicada pelo governo brasileiro em 17 de março de 2020, dispunha sobre a proibição à entrada de populações provindas da Venezuela no Brasil por vias terrestres, justificada pela incapacidade do Sistema Único de Saúde (SUS) de assegurar tratamento aos migrantes portadores do vírus da SARS-CoV-2 (Covid-19), deu início a uma série de normativas coordenadas². Em outras palavras, até mesmo o deslocamento pendular – trânsito comum entre habitantes de cidades fronteiriças para trabalho e/ou para estudo e/ou para outras necessidades diárias e cotidianas – foi proibido pelo governo brasileiro, sem aviso prévio.

No mundo, apesar da fluidez do espaço, as cercas e os muros fronteiriços se apresentavam também como objetos fixos: em 2017, havia cerca de 70 barreiras fronteiriças erguidas entre dois países, para impedir as entradas de mi-

2 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt120-20-ccv.htm. Acesso em: 05 fev. 2024.

grantes e de refugiados³. No norte da África, em 27 de março de 2011, 72 migrantes partiram de Trípoli (na Líbia), em direção à Ilha de Lampedusa (Itália), e flutuaram por 14 dias, à deriva, na imensidão do Mar Mediterrâneo. Apesar da forte presença de forças militares navais e aéreas da Organização do Atlântico Norte (OTAN), baseadas na costa da Líbia, sessenta e três migrantes perderam a vida, sem qualquer auxílio provindos da entidade ou das guardas costeiras dos dois países. Recursos técnicos e humanos estavam disponíveis para o resgate, ainda assim o socorro foi negado, como nos informa o relatório apresentado por Heller e Pezzani (2014). No vídeo *Liquide Traces – The Left-to-Die Boat Case*⁴, os autores apresentaram o farto aparato tecnológico à disposição para o resgate, que incluía sofisticados objetos técnicos, como sensores, radares, GPS, telefones celulares, mas nenhum deles foi empregado para salvar os tripulantes do pequeno barco de borracha à deriva.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para o Refugiado (UNHCR, na sigla em inglês), no período de 1998 a 2012, ocorreram 14 mil mortes na zona de fronteira marítima da União Europeia – mais de sete mil apenas na costa da Sicília. Somente no ano de 2011, no contexto dos protestos da Primavera Árabe – realizados nos países do norte da África, notadamente na Tunísia, no Egito, na Líbia, no Iêmen, no Bahrein e no Marrocos –, houve 1.500 mortes no Mediterrâneo central.

Retomando os verbetes imigração e imigrado citados na introdução – e seguindo Spire e Geiger –, salienta-se o significado de migração, associada à invenção do Estado nacional no século XIX, em que migração e Estado nacional se colocam como aliados, que coexistem em permanente contradição, sendo que o primeiro serve para justificar a gênese do último. Dito de outro modo, há o país, ente geográfico circunscrito ao limite de suas linhas territoriais, e há os migrantes, parcela da população que teima em atravessar tais limites territoriais, a qual serve, até hoje, para conferir legitimidade ao Estado nacional.

As literaturas políticas atual e do passado são férteis para dar conta desta associação uma vez que o raciocínio preposto pode ser encontrado em teóricos do Estado Moderno do século XVIII, entre eles o filósofo político Jean-Jacques Rousseau, que, em *Do Contrato Social* e *Projeto de constituição para*

3 Conforme o jornal El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/27/album/1488207932_438823.html#foto_gal_1. Acesso em: 18 jun. 2023.

4 Disponível em: <https://www.antiatlas.net/charles-heller-lorenzo-pezzani-liquid-traces-the-left-to-die-boat-case-en/>. Acesso em: 04 fev. 2024.

a *Córsega*, dedicou algumas linhas de atenção à população estrangeira. Para Rousseau, o melhor soberano é aquele capaz de representar o interesse de seus súditos, contudo, para o estrangeiro, esses interesses são de menor relevância do que para a população nativa. Assim, aconselhando os corsos a bem organizar seu território, adverte Rousseau para o número certo de estrangeiros que poderiam habitar na *Córsega*, mantendo o equilíbrio entre o tamanho da população e a extensão do território da pequena ilha⁵.

No entanto, consideramos importante ressaltar que a palavra migrante não aparece nos escritos contratualistas. Tal preocupação, no momento que se consubstanciam as teorias políticas do Estado Moderno, se centra no lugar do estrangeiro na formação do ideário nacional. Aqui, Sayad nos ajuda: migrante não é palavra sinônima à de estrangeiro.

Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para ser um imigrante. Se 'estrangeiro' é a definição jurídica de um estatuto, 'imigrante' é antes de tudo uma condição social (Sayad, 1998, p. 243).

Todo estrangeiro (o não nacional) é um imigrante em potencial, mas estrangeiro é um estatuto jurídico. Não é a transposição dos limites territoriais que separam duas nações que torna o estrangeiro um imigrante. Ainda que resida em outro país, que não o seu de origem, ele pode permanecer na condição de estrangeiro e não ser designado como imigrante. Mas o migrante, quando atravessa a fronteira, deixa de ser estrangeiro para se tornar e/imigrante. Ou seja: em Sayad, migrante é uma condição social.

Uma leitura apressada poderia levantar as seguintes indagações: o que tem a ver tudo isto com a migração em pleno século XXI? Em que sentido Sayad pode nos trazer alguma luz, para entendermos a migração no momento atual? No contexto em que os termos como redes, fluxos, transnacionalismo, diáspora, agências internacionais e governança da mobilidade ganham centralidade na produção textual, resta-nos voltar à pergunta inaugural, levantada por Sayad: o que é um imigrante?, livro do estudioso publicado no Brasil, em 1998.

A análise substantiva sobre o conceito de migração realizada por Sayad (1998) parte do princípio de que pensar a migração implica pensar em dois processos complementares: emigração e imigração. Como analisado por Santos (2007), não há emigração sem imigração; nem imigração sem emigração. Quem sai de um lugar é emigrante para quem fica e se torna imigrante

5 Algumas das reflexões aqui apresentadas foram desenvolvidas por Santos (1998, 2007).

para a sociedade que o recebe. O migrante carrega, assim, uma dupla condição: é, ao mesmo tempo, emigrante e imigrante. Para o grupo de que parte, o que caracteriza sua condição de emigrante é a ausência corporal, o que implica a não participação na vida imediata do seu grupo – e, para Sayad, a ausência de uma participação política.

Sendo o político monopólio da nação – ele é inclusive sua característica distintiva por excelência – o imigrante, como não nacional, é dele excluído de direito; (nomeado como imigrante) é excluído de fato enquanto é um nacional ausente (ausência da nação) do político (Sayad, 1998, p. 269).

Na perspectiva do Sayad, o migrante, ao estar geograficamente distante dos limites administrativos e territoriais da sua nação de origem em condição de não nacional em sua nação de destino, apresenta-se à margem da política institucional. Tal afastamento decorre da própria lógica na qual o Estado-nação é fundado, em que as decisões políticas são da alçada de uma soberania interna à própria nação, excluindo aqueles que não sejam nacionais. Sob esta perspectiva, a sociedade que recebe o migrante, ao fazê-lo como transferência de mão de obra, já concebe que sua estada se dá para realização de necessidades materiais pontuais, sendo, portanto, uma estada provisória.

Como as razões da emigração e da imigração têm a indissociável relação com o trabalho como discurso fundante, o migrante se vê excluído dos espaços da política, pois sua presença no país de destino carrega sempre a marca da provisoriedade. Em contrapartida, na sociedade do emigrante, constrói-se a ideia funcional de que emigrar é útil, logo o emigrante se sente socialmente útil, pois se tornará empregado em outro país e, de lá, enviará remessas para o país de origem. Ou seja, o espaço permitido ao emigrante é o do trabalho. Ausente da nação de origem e sem identidade civil na nação que o recebe, o “[...] imigrante poderia acabar, como, por exemplo, acaba o deportado, não sendo mais nada: nada além de uma individualidade singular e corporal, um corpo biológico e técnico” (Sayad, 1998, p. 273).

Pensamos que esta constatação de Sayad seja a mais rígida, em relação à migração. Em tese de doutoramento, Fernandes (2022), usando da etnometodologia com migrantes, salientou as variadas táticas e experiências dos migrantes que habitam a ou residem na cidade de São Paulo. São pessoas que ainda não obtiveram seus registros de permanência no Brasil e que aguardam a sua regularização. Apesar de todas as indisposições burocráticas, elas criam espaços de sociabilidade, à margem do Estado, e, a despeito das hostilidades estatais, incrementam outros dispositivos de pertencimento e de

vínculo com a cidade. São práticas cotidianas desafiadoras, que insistem em lembrá-los de que se classificam na ordem dos não nacionais. A espera pelas entrevistas de regularização, as idas e vindas aos balcões da Polícia Federal, a moradia sempre provisória, a alternância de empregos, entre tantos outros procedimentos, consomem um dos recursos mais preciosos de qualquer ser vivo: o tempo. Nesse viés, transcrevo fragmentos de uma entrevista realizada por Fernandes com Alvarez (assim chamado na interlocução).

Alvarez é um jovem cubano, que deixou sua família (a esposa e a filha de cinco anos de idade) e migrou para o Brasil, com o sonho de se tornar músico profissional. Mesmo com sua documentação em ordem, a precariedade e a rotatividade nas relações de trabalho, as mudanças repentinas de moradia, as dificuldades de exercer sua atividade como artista, entre outras questões, levaram-no a relativizar a conquista e o alcance de êxito no Brasil. Em suas palavras: *"E eu penso que sair de um ponto para ir a outro tem que ser por um êxito, ainda que seja um aprendizado ou uma trajetória. [...] e a esposa me disse que em Cuba eu estava melhor do que aqui"* (informação verbal de Alvarez, 2022, conforme Fernandes (2022, p. 131)).

Em uma longa entrevista, o que motivou Alvarez a migrar para o Brasil foi um projeto artístico e musical. Professor graduado em Cuba, o emigrante confiou que, no Brasil, alcançaria o aperfeiçoamento como profissional da música, mas o espaço para a inserção dos artistas migrantes no Brasil é restrito, e as ofertas de trabalho ocorrem no setor de alimentos, atualmente – especialmente em frigoríficos de carnes e de pescados. Para garantir a subsistência, Alvarez segue exercendo várias atividades não relacionadas ao setor artístico: trabalhou em um restaurante especializado em culinária japonesa, como *sushiman*; foi operador industrial em um frigorífico, classificando espécies de pescado; e trabalhou como mecânico em uma oficina de motocicletas. *"E assim foi"* (informação verbal de Alvarez) completou o seu relato.

Na conversa, Fernandes indagou Alvarez sobre sua sensação atual, morando no Brasil, que assim se colocou: *"Uma pessoa manca que teve um acidente e perdeu a perna. Colocaram uma prótese. É uma prótese, não é igual. Você vai olhar, não é igual, vai ver que não é sua perna. Tem que se conformar, porque é tudo o que possui no momento"* (informação verbal de Alvarez, 2022, conforme Fernandes (2022, p. 131)).

Nesse quadro, a ilusão da migração é radicalmente abalada, pois as mobilidades sociais e profissionais são subtraídas no novo país, aos poucos. Sayad aponta a invenção desta ilusão coletiva do imigrante, enquanto fa-

tor necessário ao crescimento dos países receptores, sob a justificativa da necessidade de uma mão de obra cada vez mais permanente e numerosa, o que fundamenta a presença de imigrantes, indispensáveis a economia e reforça a relação estreita entre a circulação de pessoas no espaço internacional e o trabalho.

Mas, no Brasil, a geógrafa Regina Petrus, em 2000, constatou que os jovens migrantes angolanos tinham inserções precárias e incertas no mercado de trabalho: “Problema vivido em Angola e (revivido) no Rio de Janeiro, na realidade da imigração” (Petrus, 2000, p. 21). Na economia urbana carioca, restavam-lhes postos nos serviços pesados, tendo ainda que suportar, junto à precariedade e à instabilidade no trabalho, o preconceito racial. Petrus, apoiada em Sayad, reconhece a profunda ligação entre migração e trabalho e, desta solidariedade contraditória, a construção, pelo Estado, da migração como problema social.

Passados 22 anos entre a pesquisa de Petrus no Rio de Janeiro e a de Fernandes em São Paulo, o Brasil, país de destino de migrantes provindos da África, do Caribe e da América do Sul, mantém a precariedade e a transitoriedade nas relações de trabalho, ao lado do desemprego. Calcado no discurso neoliberal do empreendedorismo e dadas as exigências e competências mandatárias à inserção no mercado de trabalho, o migrante, na lucidez de Alvarez, metamorfoseia-se em uma peça artificial: “*Colocaram uma prótese. É uma prótese, não é igual*” (informação verbal de Alvarez, 2022, conforme Fernandes (2022, p. 131)). Seu esboço de autoanálise remete diretamente à desilusão da migração, tema tão caro a Sayad. Repetindo: “O imigrante poderia acabar, como, por exemplo, acaba o deportado, não sendo mais nada: nada além de uma individualidade singular e corporal, um corpo biológico e técnico” (Sayad, 1998, p. 273).

Para estender nossa análise em outros contextos geográficos, nos Estados Unidos – país com o mais austero e restritivo arcabouço legal relacionado à migração – havia, em 2005, cerca de 11 milhões de migrantes não regularizados; destes, cerca de 7 milhões estavam inseridos no mercado de trabalho informal, conforme Passel (2006).

Nesse contexto, reflitamos, mais uma vez: o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho; uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito (Sayad, 1998, p. 54). A pergunta feita por Sayad se desenvolve, a partir de então, pela provisoriedade da imigração. O fenômeno da imigração possui uma dupla contradição: trata-se de um esta-

do provisório, que se prolonga indefinidamente, ou um estado mais duradouro, que se vive em um sentido de provisoriedade.

O direito à imigração é exercido como um fator sempre provisório, tanto por parte dos indivíduos que realizam a imigração, quanto por parte das sociedades que os recebem. Entretanto, paradoxalmente, Sayad aponta que, quando se percebe a imigração enquanto um estado mais duradouro, não o enunciam jamais enquanto condição definitiva, pois o nacional encontra sua legitimidade na coexistência com o não nacional. E o migrante, o estrangeiro, o não nacional, carrega a obrigação de ser um elemento de ordem provisória e transitória. Nesse ordenamento, para a sociedade de imigração, o migrante é percebido sob a dinâmica do trabalho e recebe o estatuto de temporário, que lhe nega todo um direito a uma presença reconhecida como permanente.

Em contextos de crises econômicas, em que o desemprego atinge os nacionais, surgem as incertezas que pesam sobre a estadia do migrante. Por mais que o contexto do desemprego possa abranger os nacionais e os não nacionais, incide sobre a população migrante o incômodo de se sentir fora do lugar ou a percepção de que são “[...] aqueles de quem não se precisa mais, mas que ainda estão aí” (Sayad, 1998, p. 53).

Os sentimentos de culpa e de inconveniência social rondam a existência do migrante, e aqui Sayad se valeu de longas entrevistas, nas quais os migrantes relatam a sorte de estigmas, a que estão submetidos. Ademais, essa sujeição do migrante ao trabalho determina a regulação de sua estadia no país receptor, assim, se é o trabalho que funda a razão da migração, então, quando este lhe é negado, as condições social e econômica, que o definem como migrante, são-lhes arrancadas. A partir disso, afirma Sayad: “[...] ser desempregado e imigrante é um paradoxo” (Sayad, 1998, p. 55).

Nesse contexto, ampliam-se as demandas da vida cotidiana, em relação às desconfianças sobre eles, através de um sistema de dispositivos, como exigências e verificações de documentos múltiplos, requisições burocráticas, provas de identidade, critérios mutáveis para concessão de regularidades de presença (títulos de estadia), comprovações de renda e de antecedentes criminais, domínios de línguas, acordos políticos entre países e tantas outras cobranças.

Recentemente, na cidade do Rio de Janeiro, durante a realização da 2ª Conferência Estadual sobre Migrações e Refúgio (COMIGRAR/RJ), ocorrida entre os dias 24 e 25 de janeiro de 2024, um migrante de nacionalidade haitiana, residente no Brasil há 20 anos, assim se pronunciou: “A gente não veio

aqui só para trabalhar, ganhar dinheiro. A gente veio para viver, para participar. E não temos este direito" (informação pessoal).

Tais homens e mulheres partiram de seus países de origem há décadas e, por uma condição política criada pelo Estado, que os classifica como não nacionais, não têm direitos de participação na política formal, cabendo-lhes a difícil tarefa de construir representações em coletivos, em associações, cujo protagonismo político, vez por outra, é de agências humanitárias internacionais – a exemplo das mediações realizadas pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para o Refugiado (ACNUR) e pela Organização Internacional das Migrações (OIM).

Aliada às restrições políticas, a perspectiva econômica ainda reduz a migração à dinâmica “vantagens e desvantagens” e o imigrante – força de trabalho temporária, provisória –, a uma peça, uma prótese (como dito por Alvarez), que deve ser favorável, desejável, aos países receptores. Assim, imigração e imigrantes só têm sentido e razão de ser, se o fim da contabilização dos custos e lucros apresentar um saldo positivo. Ao êxito e à ansiedade pelo desconhecido, soma um caudal de expectativas, relacionadas aos acertos no incerto e instável mundo do trabalho – o que justifica o seu deslocamento, tanto para a sociedade de origem quanto para a de destino, como anotado.

Os cursos migratórios provocam muitos desdobramentos no espaço, como as conexões e os arranjos sociais tecidos pelos migrantes entre vários lugares e os incrementos de instrumentos e de normas políticas, frente à circulação de pessoas que extrapolam os limites fronteiriços e as unidades nacionais. Esses são alguns dos exemplos, os mais recorrentes, mas há situações que tocam profundamente o migrante.

Em seu último texto, escrito em 1995, Sayad se dedica à dimensão do *Retorno* do migrante⁶. Nesse período, o foco da literatura de uma parcela da imprensa e dos acadêmicos universitários estava centrado no fim do Estado nacional, no desaparecimento do espaço pela velocidade das técnicas, e no transnacionalismo dos migrantes, pelo uso de redes sociais e o envio de remessas. De certa forma, a literatura provinda de lastros econômico e funcionalista estava mais preocupada em delimitar as condições necessárias e suficientes ao padrão do transnacionalismo migratório, através da circulação das remessas entre distintos países.

⁶ Em 1995, Abdelmalek Sayad enviou, aos editores da Revista Travessia, material dedicado ao tema do retorno – a publicação póstuma data do ano 2000, conforme referências bibliográficas. Esses textos, que incluem a carta escrita por ele aos editores, são um tesouro, sobretudo por sua força analítica e por sua lucidez política.

Porém, Sayad, como sempre, em comunicação fraterna com os migrantes, trouxe uma perspectiva menos entusiasta e mais real sobre o que é viver entre-dois-lugares. Assim, o autor recoloca, em *Retorno*, que a migração é um processo complementar e solidário; complementar e solidário, porque a migração é uma ação que precisa, minimamente, de dois lugares para se processar. Sumariamente, sem muitos enredos empíricos, pensar a imigração é pensar o lugar da emigração. Percorrer o espaço é a condição primária da migração. Somente há migração, porque temos um espaço físico à disposição. Mas este percorrer o espaço não está livre de constrangimentos para quem parte e para quem chega, e a relação entre os dois lugares (o da emigração e o da imigração) será uma:

Relação ambígua, de má fé, marcada de consciência culpada em relação primeiro ao grupo de origem, o grupo que se deixou de fato, que se deixou material, orgânica e corporalmente, mas que se quer assegurar (e ao mesmo tempo se assegurar) de que ele não foi deixado afetivamente, não foi deixado nem pelo coração, nem pelo espírito, é ao menos aquilo que se quer acreditar e fazer acreditar [...] (Sayad, 2000, p. 13).

Assim, se a condição primeira para a migração é a disposição do espaço, ao longo do percurso o migrante descobre que o tempo é irreversível: “Em resumo, não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares.” (Sayad, 2000, p. 14). O retorno – o voltar ao seu lugar de partida – isto é, percorrer o caminho inverso, será uma das dimensões privilegiadas por Sayad para pensar sobre o entre-lugar: “Com efeito, esses homens que retornaram da imigração, homens do entre-dois-lugares, entre-dois-tempos, entre-duas-sociedades, etc., são também e principalmente homens entre-duas-maneyras-de-ser ou entre-duas-culturas” (Sayad, 2000, p. 19).

É neste espaço dúbio e em movimento que a existência do migrante se modela. O estar entre-dois-lugares não é somente ser portador de duas-culturas, de duas-sociedades, de dois-espacos – que já seria muito, dadas as profundidades da cultura, da densidade das relações sociais, da morfologia do espaço físico –, então Sayad traz a dimensão do tempo. Para entrar na pauta do transnacionalismo (ele não usa esta expressão, mas faz uso de outro recurso lingüístico, que é o entre-dois-lugares), Sayad busca a palavra prepositiva *entre*, que tem por sentido ligar e unir e que pode significar, tanto um lugar ou espaço intermediário quanto demarcar um intervalo de tempo.

A historiadora Samira Osman, também estudiosa de Sayad, assim introduziu o dilema do entre-lugar: “O peso dessa dupla cidadania, de uma experiência vivida entre dois mundos culturalmente distintos, pesou sobre

minha vida e marcou, inclusive minhas opções acadêmicas de pesquisa” (Osman, 2006, p. 2). Filha de migrantes libaneses no Brasil, Osman relata os significados de estar e de pertencer ao entre-dois-lugares. O tempo das lembranças dos vínculos e da nostalgia é modelado em conjunto com as situações hostis, causadas pela geopolítica dos estados nacionais e, no horizonte, pelo projeto do retorno.

Quanto ao retorno, um dos mais significativos movimentos realizados pelo migrante, Sayad se dedicou a compor uma metodologia própria a esta situação geográfica. Fraterno, reconhecia o peso do retorno na vida dos migrantes, o voltar ao espaço de partida, mas em outra dimensão temporal. Nesse movimento, o espaço e o tempo foram levados aos maiores rigores empírico e metodológico na obra de Sayad.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta inicial foi a de nos dedicarmos a uma leitura do pensamento de Abdelmalek Sayad.

Primeiro, pelo puro exercício de reconhecer e de apreciar seu trabalho. Sendo ambas autoras docentes em Geografia, a longa e sólida produção bibliográfica de Sayad, a clareza de seus compromissos éticos como investigador e a cuidadosa exposição didática dos recursos metodológicos presentes em sua obra nos estimulam a prosseguir neste processo contínuo de ensino e aprendizagem, sustentado sobretudo na valorização da migração, enquanto elemento fundamental na configuração do espaço.

Segundo, pela densidade do pensamento de Sayad, demonstrada no contínuo esforço de analisar a indissociável relação entre migração, Estado e trabalho. Assim, pensamos que este estudo seja necessário e urgente, porque, no contexto atual das reconfigurações migratórias em nosso continente, considerar esta genealogia como ponto de partida nos adverte o quanto não podemos descuidar, em nossas investigações, de análises do papel do Estado e dos usos da migração.

Há um longo desdobramento de sua obra, que inclui a exploração da situação da provisoriedade do trabalho, razão de ser da migração – considerada neste texto –, bem como o tema do retorno do migrante, abordado ao final do século XX, a partir do qual Sayad nos legou um texto tão reflexivo, sobre a experiência difícil de viver o entre-dois-lugares, uma vez que encurtar distâncias físicas pelo transporte e pelas redes de informação não implica apagar o espaço – para o migrante, espaço e tempo são constitutivos do seu modo de vida.

Pensamos que seu longo e rigoroso trabalho de campo, retratado, em parte, pelas entrevistas transcritas, deu-lhe uma vasta compreensão das experiências singulares de cada sujeito e/ou grupo migrante, então o estudioso se lançou em uma rede de perguntas, não referentes a experiências singulares, mas à invenção de um tema teórico, através da qual ele pode chegar a um dos seus clássicos textos: *O que é um imigrante?*

A dita pergunta está diretamente formulada e refletida em sua ampla vivência com e junto aos migrantes, nos sofrimentos compartilhados, nas celebrações vividas e nas narrativas transcritas. Sua pergunta extrapola, assim, contextos particulares e geográficos específicos (Argélia e França), pois Sayad não somente somou e multiplicou narrativa, mas as comparou entre si, ou seja, o estudioso desenvolveu um método comparativo sistemático entre as várias entrevistas (com professores(as) e diretores(as) de escolas, com jovens estudantes, com imigrados(as), com migrantes retornados(as), com pais, mães, filhos e filhas, com aposentados(as), com desempregados(as), com trabalhadores(as) temporários(as), etc.), que lhe mostraram o que havia em comum em ser imigrante: 1) a provisoriedade; 2) o pensamento de Estado; e 3) o retorno. Em suas trajetórias, nenhum migrante, aquele(a) que atravessa o limite de uma fronteira internacional, desvincula-se das condições que o(a) definem.

Esse intenso emprego de forças e de energias (física, moral, intelectual) para não somente cumprir uma função acadêmica, mas um dever ético, legou-nos um dos trabalhos mais completos sobre migração. Assim, Sayad nos deposita uma confiança para acompanhá-lo e para prosseguir com o seu pensamento, fazendo valer uma epistemologia da migração e um cuidado exaustivo com as categorias analíticas. Em suma, sua obra nos auxilia a posicionar a migração no quadro das complexas relações contemporâneas entre os países e na mediação cada vez mais presente das agências internacionais nos fluxos e nos cursos migratórios.

Assim, pensar e escrever sobre Sayad é percorrer, ainda que em pequenos passos, o tamanho de sua obra, pautada, sobretudo na valorização das experiências dos migrantes. Desse modo, terminamos este artigo com a constatação, já invocada por outros colegas, de que “[...] o pensamento de Abdelmalek Sayad continua atual e de máxima urgência para a compreensão dos fenômenos migratórios dramáticos que ocorrem ao longo das fronteiras mundiais” (Dias *et al.*, 2020, p. 12).

Enfim, é por tudo isto que lemos Abdelmalek Sayad. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DIAS, G. *et al.* **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad [recurso eletrônico]**. São Paulo: EDUC, 2020.

FERNANDES, C. da S. **Fronteiras da cidadania: o cotidiano migratório na “baixada do Glicério”, centro da cidade de São Paulo**. 2022. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

GEIGER, P. Migrações internacionais e transnacionalismo na atualidade. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 17, n. 1-2, p. 213-216, 2002.

HELLER, C.; PEZZANI, L. Traces liquides: enquête sur la mort de migrants dans la zone-frontière maritime de l'Union européenne. **Revue Européenne des Migrations Internationales**, v. 30, n. 3-4, p. 71-107, 2014.

LEÃO, A. A. V.; FERNANDES, D. Políticas de imigração no contexto da pandemia de Covid-19. *In*: FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (coord.). **Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil**. Campinas: Unicamp-NEPO. 2020.

OSMAN, S. A. **Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

PAES, D. R. **Baianos na Vila do Abraão: a rede social migratória sob a perspectiva de jovens migrantes**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

PASSEL, J. S. The size and characteristics of the unauthorized migrant population in the U. S. estimates based on the March 2005 current population survey. **Pew Hispanic Center**, Mar. 2006. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/race-and-ethnicity/2006/03/07/size-and-characteristics-of-the-unauthorized-migrant-population-in-the-us/>. Acesso em: 17 fev. 2026.

PETRUS, R. Jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro. Imagens, relatos e diálogos. **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, [S. l.], v. 13, n. 37, p. 17-24, 2000. <https://doi.org/10.48213/travessia.i37.770>.

ROUSSEAU, J.-J. Projeto de constituição para a Córsega. *In: Obras de J.-J. Rousseau*. Vol. 2. Porto Alegre: Globo, 1962.

ROUSSEAU, J.-J. **Do Contrato Social**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores)

SANTOS, G. **A idéia de natureza em Rousseau**: introdução a um debate. 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

SANTOS, G. **Estado, redes sociais e fronteira**: a migração do sul-catarinense para os Estados Unidos. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

SANTOS, M. **Por outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2001.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Trad.: Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SAYAD, A. A maldição. *In: BOURDIEU, P. (coord.). A Miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 651-672.

SAYAD, A. A emancipação. *In: BOURDIEU, P. (coord.). A Miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 673-682.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Revista Travessia**, v. XIII, núm. esp., 2000.

SAYAD, A.; NEIBURG, F. Colonialismo e migrações - entrevista a Abdelmalek Sayad. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 21, n. 1, p. 155-170, 1996.

SPIRE, A. De l'étranger à l'emigré - la magie sociale d'une catégorie statique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 129, p. 50-56, 1999.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNCHR). **Mediterranean takes record as most deadly stretch of water for refugees and migrants in 2011**. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/briefing-notes/mediterranean-takes-record-most-deadly-stretch-water-refugees-and-migrants-2011>. Acesso em: 04 fev. 2024.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

Gislene Santos: Levantamento e organização do material bibliográfico. Organização e Redação do artigo, em todas as etapas. Edição do texto, acompanhamento das revisões ortográficas e das traduções dos resumos.

Rafaela Dettogni Duarte Paes: Redação do artigo, sobretudo no que se refere ao pensamento de Sayad sobre migração e trabalho e da provisoriedade das migrações/ ser migrante. Edição do texto e acompanhamento das revisões ortográficas.

EDITOR DO ARTIGO

Cláudio Luiz Zanotelli

*Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo, Brasil
claudio.zanotelli@ufes.br*

Artigo recebido em: 27/03/2026

Artigo aprovado em: 06/05/2026

Artigo publicado em: 20/05/2026